Congresso de estudos e partilha - Missão Jovens da Cruz

A virtude da humildade em São Bernardo de Claraval

30 de novembro de 2019 – prof. Sérgio

O que é humildade? O que significa ser humilde? O que é ser humilde? Ter um aspecto franzino e delicado, sorrir para todo mundo, ser uma geléia? Não! A virtude da humildade tem a ver com reconhecer a verdade através da tomada de consciência de nossa própria condição: Pequena, miserável e ontologicamente dependente. A partir daí, pelo efeito purgativo da humildade, começamos a alcançar algumas virtudes.

Nas Escrituras encontramos a seguinte sentença: "Que tens que não tenha recebido?" (1Cor 4, 7). De Deus recebemos tudo, nosso ser foi criado e pertence a Deus. Portanto, não somos princípio de nós mesmos e nossa condição enquanto criaturas é limitada. Uma vontade que é humilde tenderá a reconhecer sua própria condição e a partir daí reconhecer, de fato, tanto suas limitações, como suas capacidades. No entanto, a vontade soberba não aceita sua condição de criatura e que tudo aquilo tem recebeu de outrem, ela acredita ser mais do que é de fato.

As vezes nos consideramos muito virtuosos, pios, apontamos as falhas dos outros com frequência e sem caridade, mas pouco ou nada de nossa própria miséria reconhecemos. Então Deus, como bom juiz e bom corretor, nos dá situações onde ficaremos cara a cara com nossa miséria, hipocrisia e soberba. Não adianta tentarmos negar, isso está em todos, vem desde o pecado original. Por isso, em alguns momentos, Deus nos permitirá sentir o amargor, veremos diante de nós do que somos feitos após o pecado de Adão: corrupção.

No entanto, é possível que mudemos, pois não fomos originalmente criados para o mal e nós tivemos uma segunda graça com a vinda de Cristo. No entanto, essa mudança não é exclusivamente por causa de nossos próprios esforços. Essa corrupção persistirá até mesmo quando tentarmos apenas com nossos próprios esforços humanos sermos melhores. Para conseguirmos fazer alguma coisa que de fato seja boa, que de fato preste; dependemos inteiramente da graça de Deus. A partir daí, com o auxílio da graça, nossos méritos passarão a valer alguma coisa. Portanto, é pela graça de Deus e nossos méritos que conseguimos alcançar algumas virtudes. (Com isso vemos que não vai nem tanto a Pelágio, nem tanto a *sola gratia*). Esse abandono na graça de Deus depende de uma entrega da nossa vontade. Para entregarmos nossa vontade precisamos nos submeter a Deus; e para subtermo-nos a Deus precisamos reconhecer quem somos. Para reconhecer quem somos, precisamos saber "do que somos feitos". Para reconhecermos "do que somos feitos" precisamos da humildade.

Para São Bernardo de Claraval[1] o conhecimento da verdade se dá em três graus: 1° precisamos aprender a humildade – que é uma purga amarga, é muito difícil de busca-la, mas ela nos ajuda a afastar a soberba, que atrapalha a nossa visão de nós mesmos e dos outros. A humildade nos ajuda a enxergar a verdade em nós mesmos. 2° O segundo grau é a caridade (amor) – ela é muito importante para que aprendamos a nos doar e a amar a Deus primeiramente e aos outros e, assim, passamos a ver a verdade nos outros (Na ordem de importância está o amor a Deus, na ordem da execução está o amor ao próximo). Ao alcançarmos o primeiro grau da humildade vemos toda a nossa podridão, ao olharmos para o próximo e reconhecermos nele essa mesma matéria, somos capazes de ter compaixão e amor no outro em sua miséria; miséria essa da qual padecemos também. 3° O terceiro grau é o da

[1] São Bernardo de Claraval. *Os graus da humildade e da soberba*, Editora Concreta.

contemplação, que é a forma mais pura de ver as coisas, é o grau da sabedoria, é própria daquele que vê a Verdade no próprio Deus.

A humildade e a caridade são filtros que nos ajudam a depurar nosso espírito e a vermos as coisas mais claramente, chegando, por fim, na contemplação, ou seja, são degraus que nos guiam mais e mais rumo à união com Deus; onde, nessa vida, chegamos pela via da contemplação. A humildade vem para auxiliar nosso intelecto, nos afastar da soberba; a caridade vem para auxiliar nossa vontade, para afastar-nos dos vícios mundanos e tornar-nos misericordiosos. Vejam que o processo da humildade é interior e o da caridade é exterior, mas uma leva a outra e vão para uma terceira coisa, que é melhor. A busca da verdade deve começar em si (sinceridade, humildade, senso das proporções), depois no outro (caridade, misericórdia) e por último na própria verdade (contemplação).

Aqui um trecho da introdução ao livro de São Bernardo vemos que: "O aperfeiçoamento individual está para o [aperfeiçoamento] de qualquer comunidade assim como a parte está para o todo. Noutros termos: o progresso de cada pessoa reverte para o bem comum. [...] A humildade é o exercício de ascese do corpo e da alma em prol do aperfeiçoamento progressivo do caráter. [...] Humilde é quem adquire um salutar senso de proporções e compreende ser pequenino, falível, fisicamente indigente, finito, moralmente imperfeito, etc.". Vejam que o aperfeiçoar-se está ligado ao posterior doar-se pelo bem dos outros.

Agora alguns trechos do livro, propriamente dito, a respeito da humildade: "O conhecimento da verdade é fruto da humildade. [...] A humildade pode definir-se assim: a humildade é uma virtude que leva o homem a desprezar-se ante seu próprio e veríssimo conhecimento. Esta definição convém aos que estão dispostos a ascender no coração de virtude em virtude. [...] A verdade pura não a compreende senão o coração puro; e ninguém sente tão vivamente a miséria do irmão do que o coração que assume sua própria miséria. Para que sintas na miséria de teu irmão teu próprio coração de miséria, precisas conhecer antes tua própria miséria: só assim poderás viver em ti seus males, e surgirão em ti iniciativas de ajuda fraterna".

Vejam que nós aprendemos a conhecer melhor os outros quando nos dispomos a conhecer a nós mesmos, a conhecer as nossas próprias misérias, nossos próprios erros. Assim, aprenderemos a vivenciar os males que afligem aos outros e começaremos a ter noção do que fazer para ajuda-los. Do mesmo modo, aprendemos a reconhecer os males que nos afligem e que da mesma forma afligem o outro. Através da via da humildade chegamos à caridade.

No entanto, veremos que para chegarmos à plena humildade existem graus que precisamos subir para alcançar o topo dessa escada. São doze degraus. Ao mesmo tempo que podemos subir a escada, podemos descê-la, portanto, os degraus conforme os descemos correspondem aos doze graus da soberba. São Bernardo ao escrever o livro, *Os graus da humildade e da soberba*, estava comentando o capítulo VII da Regra de São Bento, que trata da humildade. Neste capítulo, São Bento trata sobre os doze degraus da humildade, utilizando-se como exemplo da passagem de *Gênesis* 28, 11-19 onde Jacó viu em sonho uma escada que ligava a terra ao céu e donde haviam anjos subindo e descendo. São Bento diz que ao subir a escada conquista-se a humildade, ao descê-la conquista-se seu oposto, a soberba. Agora, São Bernardo em seu livro trata dos doze graus da soberba, pois a partir deles, temos o contraponto da humildade. Por isso, convém tratarmos do capítulo VII da Regra de São Bento (para os graus da humildade) e do livro de São Bernardo (para os graus da soberba).

Mas antes disso, vamos voltar aos graus da verdade. São Bernardo diz: (1) se humilha, alcança o primeiro grau da verdade e se julga. (2) Alcança, depois ao observar a si mesmo, e, portanto, ser conhecedor de sua própria miséria, percebe e considera a dos outros.

Chegando, pois, ao segundo grau da verdade: a caridade. Os que chegaram a ela, buscam a verdade no próximo, se compadecem; advertem/exortam/percebem as necessidades dos outros nas suas próprias necessidades; e pelo que elas mesmas padecem, aprendem a compadecer-se daqueles que padecem. Ao conhecer mais de si e mais dos outros aprendemos a não depositar tanta esperança nos outros. Devemos ter esperança no bem eterno, que não falha.

É humilhando-se e buscando afastar-se da soberba que passamos a nos conhecer. E a partir daí passamos a ver o nosso real valor. Não somos tudo aquilo que pensávamos ser, somos pouquíssima coisa, mas, por outro lado, ao nos humilharmos, aprendemos a reconhecer as coisas, a reconhecer a verdade independentemente do que gostaríamos que ela fosse. Por isso, ao nos humilharmos passamos a nos autoconhecer mais e passamos a encontrar nosso valor em sua justa proporção e não aquele valor que fazíamos de nós mesmos inflados pela soberba. A humildade é sinceridade, é a capacidade de reconhecer as coisas em nós, por piores que sejam. Ao nos reconhecermos assim, passamos a nos reconhecer nos outros e a compreender mais; passamos a aprender a amá-los e a doarmo-nos a eles sem esperar retorno.

A verdadeira felicidade não é a que a pessoa se fecha em si, mas é aquela que tendo estado tempo suficiente dentro de si, transborda em direção e em prol do outro. Busca melhorar-se e melhorar aos outros. Uma prova de que somos falhos e necessitamos da humildade é a de que no mesmo momento em que buscarmos nos aperfeiçoar, atestamos, conscientemente ou não, a nossa fraqueza e a nossa limitação, pois estamos constatando que necessitamos de algo a mais que venha para nos completar.

Porém, é preciso tomar cuidado em um ponto, a humildade na medida em que nos mostra quem somos, coloca-nos em nosso lugar e revela nossa baixeza. No entanto, por causa disso, ela nos mostra mais claramente aqueles dons que realmente temos e não os que julgamos ter. Portanto, aquelas pessoas que tendem ao escrúpulo e a um auto-desprezo exacerbado precisam entender que a humildade também ajuda elas a reconhecer, na justa proporção, as qualidades que Deus lhes deu. Podemos melhor reconhecer quais são os dons e as graças que Deus nos deu. Afastando assim o risco de uma visão demasiado pessimista de si, dando-nos sinais da felicidade que podemos alcançar nessa vida e tê-la completada na vida eterna. Através da humildade podemos perceber, além de nossa miséria, a nossa dignidade enquanto pessoa por causa de Cristo e que podemos colocar à disposição do irmão.

Trechos do livro:

Definição de humildade – não ter-se em alta conta (p. 25):

> A humildade pode definir-se assim: a humildade é uma virtude que leva o homem a desprezar-se ante seu próprio e veríssimo conhecimento. Esta definição convém aos que estão dispostos a ascender no coração de virtude em virtude, isto é, a avançar de grau em grau, até chegar ao cume da humildade, no qual, como em Sião, isto é, em especulação, descobre a verdade. “O legislador”, diz-se, “dará sua bênção” [SI 83, 6-8], porque o que deu a lei dará também a bênção; o que exigiu a humildade levará à verdade.

A soberba da mente é o amor da própria excelência. A humildade, como já falamos, é a justa apreensão da reais qualidades que temos, é o entendimento da própria excelência (p. 43):

> A soberba da mente, com efeito, é essa trave grande e grossa no olho, que por sua corpulência vã, não sã, inchada, não sólida, obscurece o olho da mente, e escurece a verdade. Se chegar a ocupar tua mente, já não poderás ver-te nem sentir-te como és ou como podes ser, mas como te queres, como pensas que és, ou como esperas vir a ser. Que é a soberba senão, como a define um santo, o amor da própria excelência? E podemos dizer que, pelo contrário, a humildade é o entendimento da própria excelência.

Conhece-te a ti mesmo; alcança a humildade, o primeiro grau. "A consideração de mim suscitou-me grande desprezo". O ver-se como é suscitou grande desprezo (p. 43):

> Por conseguinte, o que cuida de conhecer a verdade de si mesmo deve tirar a trave de sua soberba, porque ela impede a seus olhos a luz, e terá de dispor-se a ascender no coração, observando-se a si mesmo em si mesmo, até alcançar, com o décimo segundo grau da humildade, o primeiro da verdade.
> Quando pois tiver encontrado em si mesmo a verdade, ou melhor, quando se tiver encontrado a si mesmo na verdade e puder dizer: "Eu fiei-me, e por isso falei; eu estou pois extremamente humilhado" [SI 116, 10], ascenda mais então o homem no coração, para que a verdade seja exaltada, e alcance o segundo grau, e diga em seu arroubo: "Todos os homens são mentirosos" [SI H6, 11], [...] Eu, com efeito, quando ainda não conhecia a verdade, considerava-me algo, ainda que não fosse nada. No entanto, desde que me fiei em Cristo, ou seja, desde que imitei sua humildade, passei a conhecer a verdade: ela foi enaltecida em mim, por causa de minha mesma confissão. Mas "eu estou extremamente humilhado", isto é: a mesma consideração de mim suscitou-me grande desprezo.

Bernardo agora faz uma excelente comparação. Ele compara os três graus da verdade com a Santíssima Trindade (p. 49-51):

> Três, com efeito, são os graus ou estados da verdade. Ao primeiro sobe-se pelo trabalho da humildade; ao segundo, pelo afeto da compaixão; ao terceiro, pelo vôo da contemplação.
> No primeiro grau, mostra-se-nos severa a verdade; no segundo, piedosa; no terceiro, pura. Ao primeiro conduz a razão com que nos examinamos a nós mesmos; ao segundo, o afeto com que nos compadecemos dos outros; ao terceiro, a pureza que arrebata, e pela qual nos alçamos às realidades invisíveis.
> Aparece então nitidamente diante de meu olhar uma operação da inseparável Trindade que, todavia, se faz separadamente em cada uma das Pessoas. [...] Desse modo, no primeiro grau lhe parece ver a obra do Filho; no segundo, a do Espírito Santo; no terceiro, a do Pai.

Mas para chegar até a câmara do rei, até a contemplação, até Deus-Pai: É preciso saber por onde começar. Por isso, precisamos primeiro buscar a humildade. Portanto, subamos escada da humildade (p. 57):

> Mas como eu, miserável, presumo atravessar os dois céus superiores e dizer palavras vãs que nem sequer eu mesmo compreendo? Ainda me vou arrastando pelo inferior dos três. Para ascender a este céu inferior, levantei uma escada com a ajuda de Deus, que me chama até ali. É esse o caminho, com efeito, que me conduz à vida eterna. Ergo os olhos para o Senhor, que está no mais alto. E exulto ao ouvir a voz da Verdade. Ele chamou-me, sim, e eu respondi-lhe: "Estenderás a tua destra para a obra de tuas mãos" [Jó 14, 15].

Em relação ao como "Desci a escada da humildade" (p. 61):

> E por que digo que desci? Muito mais acertadamente deveria dizer que caí. Mas é verdade que, assim como ninguém ascende de súbito ao mais alto, senão que progride passo a passo, assim também ninguém se torna péssimo de repente, senão que desce

> paulatinamente. Se fosse de outro modo, como se teria podido dizer isto: "O ímpio se ensoberbece todos os dias de sua vida" [Jó 15, 20]? E diz-se ainda que "há vias que parecem boas aos homens" [Pr 16, 25], as quais no entanto conduzem ao mal.
> Há pois um caminho para cima e outro para baixo. Um caminho leva ao bem, enquanto o outro ao mal. Esquiva o mau caminho, e escolhe o bom. Se porém te sentes incapaz disso, suplica com o profeta dizendo: "Da via da iniqüidade, afasta-me" [SI 118, 29]. De que modo? "E concede-me o favor de tua lei" [SI 118, 29], ou seja, da lei que deste aos que delinquem no caminho, aos que deixam a verdade. Um destes sou eu, que caí da verdade. Mas, então, o que cai já não poderá levantar-se? Por isso elegi o caminho da verdade, para ascender até à cúspide de onde caí por causa de minha soberba.

Subida e descida; os mesmos degraus que pisamos para subir até a humildade, são os mesmos que usamos para descer na soberba (p. 61-63):

> Ascenderei e cantarei: "Foi bom para mim, Senhor, que me humilhasses; [...] Pode parecer-te, sim, que Davi propõe dois caminhos; mas presta atenção e verás que não é senão um, ainda que com dois nomes. Chama-se iniqüidade para os que descem, e verdade para os que sobem. Os degraus são os mesmos tanto para os que ascendem ao trono como para os que descem. Um só, com efeito, é o caminho tanto para os que se aproximam da cidade como para os que a deixam; e uma só é a porta tanto para os que entram na casa como para os que saem dela. Jacó viu em sonho que por uma mesma e só rampa subiam e desciam anjos. Que quer dizer isso? Que, se queres voltar a verdade, não precisas buscar um novo e desconhecido caminho: basta-te o mesmo pelo qual desceste. Já o conheces. E, desandando o mesmo caminho, sobe humilhado os mesmos degraus que desceste ensoberbecido. Desse modo, o que é o décimo segundo degrau da soberba para o que desce, esse mesmo há de ser o primeiro da humildade para o que sobe; o décimo primeiro, o segundo; o décimo, o terceiro; o nono, o quarto; o oitavo, o quinto; o sétimo, o sexto; o sexto, o sétimo; o quinto, o oitavo; o quarto, o nono; o terceiro, o décimo; o segundo, o décimo primeiro; o primeiro, o décimo segundo.
> Quanto houveres encontrado, ou melhor, reconhecido em ti tais degraus da soberba, já não terás de laborar para encontrar o caminho da humildade.

Os doze graus da soberba podem reduzir-se a três. Os seis primeiros referem-se ao desprezo dos irmãos; os quatro seguintes, ao desprezo do mestre; os dois últimos, ao desprezo de Deus. (p. 89):

> Há que saber que todos estes graus, doze no total, podem reduzir-se a três. Com efeito, os seis primeiros referem-se ao desprezo dos irmãos; o quatro seguinte, ao desprezo do mestre; os dois últimos, ao desprezo de Deus. Deve notar-se ainda que estes dois últimos graus da soberba correspondem inversamente aos dois primeiros da humildade, e que devem subir-se antes de entrar na congregação, sem que se possam descer na mesma congregação.

Conclusão de São Bernardo

> Talvez digas, irmão Godofredo, que escrevi sobre algo muito diferente do que tu me havias pedido e eu prometido: pode parecer-te que, em vez dos graus da humildade, descrevi os graus da soberba. Mas considera minhas razões: não poderia ensinar nada distinto do que aprendi; e, se não me pareceu conveniente descrever as subidas, é porque tenho mais experiência nas descidas. *Que te exponha São Bento os graus da humildade*, os quais ele dispôs antes de tudo no coração. Quanto a mim, não posso apresentar-te senão a ordem que segui na descida. Se meditares seriamente sobre isto, talvez aches aqui teu mesmo caminho de subida. Se tu, com efeito, a caminho de Roma, deparas com um homem que vem de lá, e lhe perguntas a direção que leva até ela, que melhor lhe pode fazer que assinalar o caminho já percorrido? Quando te refere castelos, vilas e urbes, rios e montes pelos quais passou, está a indicar-te seu caminho e a uma só vez a traçar-te o teu. Ao retomares a marcha, irás reconhecendo os mesmos lugares pelos quais aquele homem acaba de passar. (p. 97)

Os doze graus da soberba:

1º grau da soberba: A curiosidade (Oposto ao 12º grau da humildade)

2º grau da soberba: A ligeireza de espírito (Oposto ao 11º grau da humildade)

3º grau da soberba: A alegria tola (Oposto ao 10º grau da humildade)

4º grau da soberba: A jactância (Oposto ao 9º grau da humildade)

5º grau da soberba: A singularidade (Oposto ao 8º grau da humildade)

6º grau da soberba: A arrogância (Oposto ao 7º grau da humildade)

7º grau da soberba: A presunção (Oposto ao 6º grau da humildade)

8º grau da soberba: A escusa dos pecados (Oposto ao 5º grau da humildade)

9º grau da soberba: A confissão simulada (Oposto ao 4º grau da humildade)

10º grau da soberba: A rebelião (Oposto ao 3º grau da humildade)

11º grau da soberba: A liberdade de pecar (Oposto ao 2º grau da humildade)

12º grau da soberba: O costume de pecar (Oposto ao 1º grau da humildade)

Os doze graus da humildade:

1º grau da humildade: O temor de Deus [nos sentidos, na vontade e na inteligência] (Combate o 12º grau da soberba)

2º grau da humildade: A negação dos próprios desejos (Combate o 11º grau da soberba)

3º grau da humildade: A prática da obediência (Combate o 10º grau da soberba)

4º grau da humildade: Suportar o desprezo e a injustiça dos homens (Combate o 9º grau da soberba)

5º grau da humildade: Confiar a consciência ao abade do mosteiro[2] (Combate o 8º grau da soberba)

6º grau da humildade: Renunciar a qualquer conforto externo (Combate o 7º grau da soberba)

7º grau da humildade: Renunciar ao reconhecimento dos méritos pessoais (Combate o 6º grau da soberba)

8º grau da humildade: Renunciar ao desejo de governar a vida monástica[3] (Combate o 5º grau da soberba)

9º grau da humildade: Exercitar o silêncio (Combate o 4º grau da soberba)

10º grau da humildade: Ser circunspecto e evitar o riso fútil (Combate o 3º grau da soberba)

11º grau da humildade: Ser discreto (Combate o 2º grau da soberba)

12º grau da humildade: Rememorar a própria pequenez e a degradação dos pecados cometidos, fazendo tudo não mais pelo temor do inferno, mas por amor a Cristo (Combate o 1º grau da soberba)

[2] Se quisermos aplicar este princípio para além do perímetro dos mosteiros: confiar a consciência ao escrutínio de um diretor espiritual douto e prudente (Nota da introdução do livro – p. 14).

[3] Em sentido mais amplo diríamos: *renunciar a qualquer tipo de mando*, a menos que a Providência divina disponha as coisas neste modo (Nota da introdução do livro – p. 14).